

BROSETA

PERGUNTA



JOÃO LUÍS FERREIRA

CEO | Promontorio



BROSETA

BROSETA - PORTUGAL,
SOCIEDADE DE ADVOGADOS, SP RL

Há um "antes e depois" da pandemia para a arquitetura portuguesa? O que mudou?

Não creio que a pandemia tenha criado um antes e um depois, nem na arquitectura portuguesa nem na arquitectura internacional. Houve apenas um momento de readaptação temporária a uma forma de trabalhar em equipa ditada pelas restrições ao trabalho presencial. Ainda assim, os ateliers com experiência internacional, já tinham tido a oportunidade de se adaptar e aperfeiçoar este modelo. Na nossa experiência em vários em países, da Europa ao Médio Oriente, da Ásia a África, este modelo está perfeitamente incorporado. Porém, não deixa de ser um modelo de recurso e que funciona bem temporariamente quando nas equipas internas, o conhecimento dos vários elementos entre si e o conhecimento do objecto sobre o qual se está a trabalhar é amplo e profundo. O prolongamento do trabalho à distância não é de todo o mais adequado e proveitoso. O trabalho de equipa requer a presença e outras valências que à distância tendem a perder-se e a afectar a coesão das equipas.

Os últimos anos foram de forte valorização do setor imobiliário. Que papel desempenhou a arquitetura neste processo e evolução? Em Portugal ainda se considera a arquitetura como um gasto, e não como um investimento?

Sim, a partir de 2013/14 com a recuperação da credibilidade das finanças públicas e com o apoio do BCE que permitiu assegurar a coesão da UE, Portugal surgiu aos investidores particulares e aos fundos de investimento como um destino de grande potencial dada a margem de valorização percebida do imobiliário. A arquitectura como actividade dependente da encomenda teve um incremento significativo como aliás os prestadores de serviços em geral: engenheiros, designers, arquitectos paisagistas, *project managers*, advogados, etc. À descoberta de Portugal como destino de investimento associou-se a descoberta de Portugal como prestador de serviços de qualidade equivalente às melhores práticas europeias.

A arquitectura é de facto uma actividade diferenciadora relativamente às outras acima referidas, e por uma razão, o desempenho do arquitecto não está tão tipificado num saber específico, é um saber que deambula por todos os outros e tem de acrescentar uma imaginação eficaz aos processos. Ou seja, o arquitecto trabalha com uma matéria-prima mais indefinida, tem de responder a diferentes solicitações e tem de acrescentar uma visão capaz de sintetizar todas essas variantes e ainda acrescentar valor através de uma certa singularidade. Diria que um arquitecto de qualidade que não se fixe apenas no objecto arquitectónico em si mesmo, mas que abranja em toda a sua extensão e complexidade as implicações colaterais, não é de todo um gasto mas, sobretudo, o multiplicador da margem do investimento.

A responsabilidade, o envolvimento durante anos com o projecto, com o cliente e com a obra, tem um valor que não é de todo remunerado em Portugal. E depois é uma criação com uma autoria que perdura. Ora a passagem da não-existência à existência deveria ter mais valor que o valor de uma simples transação.

Portugal pode ser um país de exportação de serviços de arquitetura? O talento português pode, a partir de Portugal, conquistar outras geografias?

Portugal já é um país de exportação de serviços de arquitectura. Muitos o têm feito. Nós próprios temos trabalhado em vários países e continentes. Portugal é como os outros países: tem arquitectos com talento, outros com menos talento, tem arquitectos cumpridores e hábeis na utilização dos seus instrumentos de trabalho. Em Portugal faz-se o mesmo que fora de Portugal. Para conquistar outras geografias basta ir, enfim, estruturar um pouco a ida, encontrar uns pontos de contacto e investir. Fizemos isso na sequência da chamada crise do *subprime* (2008) agravada pela crise portuguesa da dívida pública (2009-11). Reestruturámos a nossa actividade e em 2014-15 tínhamos quase 100% da actividade fora de Portugal. E encontramos muitos outros arquitectos a explorar esse caminho.

Aliás, penso que os arquitectos portugueses dada a sua qualidade técnica, intuição e capacidade de realização, deveriam olhar para os mercados externos como destino das suas actividades. Mesmo em períodos virtuosos, Portugal, é sempre um mercado pequeno e nós não temos razões para não actuar no mercado global como muitos outros actuam. Com a mobilidade e a digitalização é ainda mais fácil, do que no passado, enfrentar esse desafio com optimismo.

